

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES  
COSMOS

二〇一〇年三月廿一日  
二〇一〇年三月廿一日

**MANUEL ISIDRO ALVES**, *Ressurreição e fé pascal*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1991. 289 pp.

O presente livro foi publicado para servir à realização de provas académicas de agregação na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, em Lisboa, no mês de Junho de 1991.

Com ele o seu autor pretendeu, em seguimento e até em homenagem à ingente quantidade de bibliografia que, nos últimos decénios, já se produziu sobre esta questão maior da história do pensamento religioso e antropológico, retomar corajosamente o caminho das fontes literárias primitivas e investigar o como e o quanto desta ideia se apresenta na literatura cristã primitiva.

O facto é que cada vez mais claramente investigadores e teólogos se convenceram de que aqui se deve encontrar a referência decisiva do pensamento cristão (pp. 3-4).

Por outro lado, se aparentemente esta ideia podia parecer esgotar-se nas conotações que apresenta com o cristianismo, ela tem, na verdade, antecedentes bíblicos e judaicos, como o autor estabelece no cap. I (pp. 5-18), bem como tem, sem dúvida alguma, numerosos e profundos enraizamentos no mundo do pensamento antropológico oriental, ao qual a Bíblia não é estanque.

No entanto, a leve referência feita a este aspecto (p. 5) não deve fazer-nos pensar que esta dimensão ficou completamente tratada ou esgotada. O Autor não abriu sequer a questão nesta direcção, porque o seu objectivo foi realizar uma análise a nível monográfico e literário aos textos da primitiva literatura cristã sobre a ressurreição.

O cap. II (pp. 19-84) situa-se já inteiramente dentro da perspectiva pretendida, tal como a sua própria extensão mostra já claramente. O acontecimento pascal é ali estudado nos enunciados de fé, assumindo primeiramente o aspecto de fórmulas teológicas, em que o sujeito agente da ressurreição é Deus e que parece terem sido, segundo muitos, as fórmulas mais antigas para tratar da ressurreição (pp. 41-42; 83-84). Estes casos são estudados em textos da primeira carta aos Tessalonicenses, primeira carta aos Coríntios, carta aos Romanos, segunda carta aos Coríntios e carta aos Gálatas.

Seguidamente são analisados os enunciados da ressurreição em fórmulas cristológicas, em que Cristo aparece com a autonomia significada na sua passagem a sujeito agente de uma fórmula equivalente. Estamos num processo de especificação teológica cristã da ideia geral de ressurreição. A análise desta formulação é feita particularmente sobre o enunciado catequético da primeira carta aos Coríntios 15, 3b-5.

Na sequência da análise das fórmulas estudadas no capítulo anterior, o cap. III passa em revista mais uma série de formulações da ideia da ressurreição particularmente expressivas em termos conceituais e particularmente representativas da comunidade que através delas se exprime. São os hinos cristológicos, nomeadamente os de Filipenses 2, 6-11, Colossenses 1, 15-20, Efésios 1, 20, Efésios 4, 7-10, Romanos 10, 6-8; 1.<sup>a</sup> a Timóteo 3, 16, 1.<sup>a</sup> de Pedro 3, 18 e 22 e ainda Hebreus 1, 3-4. Nestes hinos, o pensamento sobre a ressurreição exprime-se em categorias de cariz mais poético e simbólico do que propriamente histórico, fortemente enraizadas na antiga e tradicional literatura sapiencial (p. 113).

Depois destes dois capítulos sobre as fórmulas declarativas da ressurreição, seguem-se outros dois sobre o pensamento que se exprime nos textos de teor narrativo, nomeadamente os textos evangélicos sobre a ressurreição, essencialmente o da verificação da ausência do cadáver de Jesus no seu túmulo vazio. Depois, é a questão da misteriosa mas inquestionável presença de Cristo, depois de ausente. São as aparições do ressuscitado ou as cristofanias pascais, como o autor lhes chama.

O encontro do túmulo vazio parece-lhe ser o elemento de maior probabilidade histórica para os acontecimentos que ocorreram na manhã da Páscoa, tendo a sua apresentação literária sido feita com algum recurso a certos ressortes enraizados na tradição apocalíptica (p. 182).

E se é interessante verificar que a análise dos textos parece garantir alguma probabilidade na detecção de um elemento histórico nos textos narrativos da ressurreição, o próprio carácter negativo da verificação do túmulo vazio volta a suscitar dificuldades e interrogações sobre a questão dos níveis de historicidade aqui detectáveis. Se o túmulo vazio se pode apresentar com alguma garantia de historicidade do ponto de vista da análise literária, levanta-se naturalmente a questão factual de saber o que foi feito do corpo de Jesus. O carácter natural e lógico desta pergunta está implícito no texto de Mat 27, 62-66, que o Autor não parece ter utilizado para a sua análise.

Daí que certa, certa nos fique a perspectiva teológica ou revelada ou hermenêutica, mantendo-se alguma possível incerteza sobre com que equivalência poderemos contar entre as dimensões significadas por estas três palavras.

Mais uma vez no domínio dos quadros declarativos e catequéticos e das elaborações sistematizadoras, encontram-se as cristofanias em que se continua catequeticamente o anúncio narrativo do acontecimento pascal. Elas são mais significados do que puros aconteci-

mentos. São evidentemente dados importantes na história da literatura e do pensamento cristão. Mas a sua referibilidade histórica factuai é naturalmente de menor apodicticidade.

Do conjunto das suas análises, conclui o Autor (pp. 237-242) que a ressurreição de Cristo se apresenta, de facto, como a ideia central de todo o pensamento cristão. Daí o lugar que logicamente lhe é atribuído na primitiva literatura cristã: na pregação primitiva, ñas fórmulas arcaicas do querigma e ñas fórmulas litúrgicas dos hinos.

A ressurreição apresenta características de messianismo. Ela é a prometida manutenção do herdeiro de David. As aparições são como que explicitações exegéticas da convicção e do significado da ressurreição de Jesus bem como o testemunho da ressonância pessoal e comunitária da mesma.

Recolhidas estas conclusões derivadas das análises literárias praticadas, o Autor encerra a sua conclusão com quatro páginas de aspectos de hermenêutica geral atinentes à ressurreição. No entanto, o grande esforço analítico não estivera voltado para esta tarefa, mas sim para a exegese dos textos.

Esta nova perspectiva, sem em nada renegar a que se propusera como tarefa para esta monografia, é importante em si mesma e é actualmente da maior urgência. Daí o facto de o Autor não ter querido acabar o seu livro sem lhe dedicar algum espaço. Mas o facto de o ter enfrentado só aqui, já em conclusão, é demasiado reduzido para a importância da questão em si mesma. Um último capítulo teria sido claramente bem-vindo, exclusivamente sobre esta perspectiva hermenêutica, que já nestas páginas aparece esboçada e haveria certamente de ir ao encontro das rápidas alusões feitas ao conceito de ressurreição, antes e para além do Cristianismo e do próprio Judaísmo, como questão de hermenêutica antropológica e religiosa.

Não é evidentemente cordato pedir tudo a um livro. Mas o título escolhido de «ressurreição e fé pascal» comportaria bem esta perspectiva hermeneuticamente ampliada.

Também é certo que, já liberto dos aperreados laços das provas públicas, o autor pode aproveitar a sua grande experiência e saber para nos oferecer, em próxima ocasião, mais explicitamente as perspectivas que nesta parte final já nos sugere.

O livro, cujo aparecimento desde as páginas deste primeiro número de *Cadmo* cordialmente se saúda e festivamente se celebra, termina oferecendo-nos um longo percurso de referências bibliográficas (pp. 243-261) sobre o tema.

**José Augusto Ramos**